

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2009 - ANO XIII - Nº 148

## EDITORIAL

Em maio, comemora-se o Dia da Mata Atlântica. Esta data foi instituída visando a chamar a atenção de nossas autoridades e da população em geral para a importância de se preservar e recuperar essa floresta.

Considerada Patrimônio Nacional pela Constituição Federal, a Mata Atlântica é o bioma mais ameaçado do planeta. Apesar do desmatamento sofrido ao longo dos anos, mantém altíssimos índices de biodiversidade, sendo uma das maiores e mais ricas do mundo em espécies de plantas e animais. Esse santuário ecológico é de uma riqueza imensurável. Resta muito pouco da floresta atlântica primitiva. Os fragmentos remanescentes encontram-se constantemente ameaçados pelo crescimento e expansão das cidades. Embora nossa legislação, no que tange à proteção dessa floresta, seja bastante abrangente e juridicamente avançada, é pouco aplicada devido à ineficiência do Estado em fiscalizar, evitar e punir atividades que desrespeitem a natureza. A desobediência às regras é grande, e seja por razões institucionais, econômicas ou culturais, a lei ainda está muito distante da realidade.

É preciso que a população se conscientize da importância de se preservar e recuperar esse patrimônio. Piquete tem o privilégio de ostentar significativo fragmento dessa floresta, que, se conectado a outros menores preservados nas encostas mantigueiras, porporcionaria a Piquete um diferencial em relação aos demais municípios, pelo exemplo de preservação, recuperação e expansão da Mata Atlântica nativa. Em Piquete, nos últimos anos, tem-se propalado que o turismo é a alternativa para alavancar seu desenvolvimento, com geração de empregos e renda. No entanto, como pensar em turismo se não houver ações concretas e continuadas visando à preservação e recuperação de nossas encostas, nascentes e margens de rios? Não se pode falar em turismo sem planejamento urbano... Que o Dia da Mata Atlântica não seja apenas para reflexão.



Foto arquivo Pro-Memória

A Mata Atlântica é a mais rica entre as florestas tropicais úmidas do planeta, considerada o santuário ecológico mais pródigo da Terra. Piquete detém grande trecho desta Mata, essencial para a vida da cidade como fonte produtora da água que a abastece.

## 27 de maio: Dia da Mata Atlântica

Existem áreas que, por sua beleza ou singularidades ambiental e cultural, devem ser preservadas. Não somente para os habitantes do país onde se situam, mas também para o benefício do planeta. Poderíamos chamá-las terras importantes para os homens. Com esse pensamento sem fronteiras e que enxerga o planeta como uma unidade, nasceu na UNESCO (Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) o conceito de Reservas da Biosfera. Foi assim que, reconhecendo-se a importância da Mata Atlântica para a humanidade, em 1991 ela passou a integrar a rede de Reservas de Biosfera da UNESCO.

Apesar de maltratada ao longo de cinco séculos de civilização brasileira, a Mata Atlântica resiste. Em 1998, foi declarada patrimônio nacional pela Constituição Federal, e entidades ambientalistas passaram a trabalhar pela preservação e recuperação de seus remanescentes e a conscientizar todas as classes sociais sobre sua importância. Em 21 de setembro de 1999, por decreto federal, foi instituído o dia 27 de maio como "Dia da Mata Atlântica". A data foi escolhida porque, no mesmo dia, em 1560, o Padre José de Anchieta assinou a antológica "Carta de São Vicente", na qual descreveu, pela primeira vez, a biodiversidade das florestas tropicais. Ler esta Carta é aprender com esse jesuíta a amar e respeitar esse patrimônio natural. Com excepcional capacidade de observação, Anchieta escreveu para seus superiores descrevendo a Mata Atlântica. Nesta Carta, verdadeiro tratado de ecologia, pouco lhe escapa. Há informações sobre posição

geográfica, declinação do sol, fases da lua, clima, estação do ano, calor e frio, trovões e ventania, animais, pássaros, flores... Do tempo de Anchieta, porém, restam pouco mais de 7% dessa Mata que se distribui irregularmente pela costa atlântica brasileira, entre o Rio Grande do Sul e o Rio Grande do Norte.

A Floresta Atlântica é a mais rica entre as florestas tropicais úmidas do planeta, considerada o santuário ecológico mais pródigo da Terra, e corresponde a um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo. Seus números são impressionantes: reúne, por exemplo, 15% de todas as formas de vida animal e vegetal do mundo e mais de 650 espécies identificadas de aves – número maior do que todas as espécies catalogadas na Europa; detém cerca de cinco mil espécies vegetais, muitas ameaçadas em sua sobrevivência – palmito, canela preta, pau-brasil, por exemplo. Concentra, ainda, um dos maiores números de epífitas já catalogadas pela ciência; dentre estas, muitas espécies nem foram descritas, destacando-se raríssimas orquídeas e bromélias. É uma das florestas com maior índice de endemismo do mundo. Isto sem falar nas 171 das 202 espécies de animais brasileiros ameaçadas de extinção, como o mico-leão-de-cara-preta, o sagui-da-serra, o papagaio chauá, o macuco, o sabiá-cica, a jacutinga, entre outros.

Piquete, a Cidade Paisagem, preserva em seu território significativo fragmento de Mata Atlântica. Preservá-la é sinônimo de desenvolvimento cultural, social, humano e econômico. Que venham os turistas!

## Imagem - Memória

### O jornal "A Cidade"



Consultando antigos jornais de Piquete pertencentes ao arquivo Prô-Memória da Fundação Christiano Rosa, deparamos com o exemplar número 1 de "A Cidade", que circulou, pela primeira vez, em 1º de maio de 1959.

Rerler antigos jornais é sempre prazeroso. É fazer uma viagem no tempo. Podemos observar, com a simples leitura desses informativos, que cada exemplar representa um documento marcante do período em que foi editado. Usos, costumes, realidades e acontecimentos de uma época estão todos nas páginas amareladas desses periódicos.

Relendo o primeiro número de "A Cidade", tomamos ciência da sociedade piquetense de 50 anos atrás. Esse semanário, de propriedade de Lavinia R. Silva, foi fundado por J. C. R. da Silva e teve como diretor-redator, nos cinco anos em que circulou, José P. Masieiro. Contava, como redatores, com os professores Raymundo P. Maduro e José Carlos Ribeiro da Silva, além de diversos colaboradores.

De pequena dimensão, medindo apenas 16cm por 23cm, esse jornal era ilustrado por Yeyé, Freddy e Martinez. Trazia estampada em seu cabeçalho a antiga Matriz de São Miguel, ao fundo o perfil denteado da Mantiqueira, com os picos dos Marins e da Meia Lua. Sua redação localizava-se na rua Coronel Pederneras, nº 162, e era impresso na Gráfica Dalva. A assinatura anual custava Cr\$80.00 e os números avulsos, Cr\$2.00 cada.

Na coluna denominada "Noticiando", em sua primeira página, vinha a notícia de que, após memorável campanha, o Esporte Clube Estrela se sagrara vice-campeão da 3ª Divisão de profissionais. Ficamos sabendo, também, que na Associação dos Ex-Alunos aconteceu um concorrido baile animado pelo novo conjunto da cidade, o "Novo Horizonte". Noticiava ainda a candidatura de Jânio Quadros à presidência da República e as inaugurações previstas para aquele ano: o novo Mercado Municipal e o prédio do Posto de Saúde, obras municipais de grande importância e

significado para Piquete.

Nas páginas seguintes, as colunas "Gente da Cidade" e "Retalhos do Passado" resgatavam e homenageavam pessoas e fatos da sociedade piquetense. Havia, ainda, as colunas "Comentário Político" que, na citada edição, discorria sobre a data de 1º de Maio, Dia do Trabalho, e "Gotas Políticas", que mostrava a atuação da edilidade. Nota curiosa da página 3, a fundação, naquele 1º de Maio, do Círculo do Operário Católico (COC), ocasião em que seria inaugurada, também, a sua sede à rua Cel. Pederneras, próximo à Igreja de São José. Naquela oportunidade seriam prestadas homenagens póstumas ao Pe. Juca, idealizador e iniciador dessa maravilhosa obra de assistência social.

"Piquete nos Esportes", na última página, estampava "O Estrela no Auge", além das novidades para o "Boa Vontade", disputado campeonato futebolístico que, naquele ano, contaria com os jogadores: Joel, no Ex-Alunos; Catrica e Bacalhau, no 1º de Novembro; e Rapiinha, no Falcão. Basquete e Xadrez eram esportes concorridos. Destaque para os enxadristas campeões Ary de Barros e Pacheco.

Anotamos as seguintes propagandas na edição inicial: do "Lau's Bar – o Bar da Cidade", da "Contábil Bandeirante", da "Predial de Piquete", da "Loja do Mounir – A Maior", da "Alfaiataria Modelo – a que realmente veste melhor"...

A leitura desse primeiro número de "A Cidade" faz ressurgir o cotidiano de Piquete: momentos únicos nos quais pessoas e fatos dispersos no tempo ganham vida aureolados de emoção e poesia. Esse jornal conquistou, ao longo dos anos, um bem dimensionado espaço na sociedade piquetense, que o aguardava ansiosamente a cada nova edição. Consolidou-se como veículo de comunicação. Passou por algumas mudanças, sem, no entanto, se desviar do propósito para o qual foi idealisticamente criado. No "A Cidade", diferentes aspectos da vida política, institucional e doméstica da sociedade piquetense ficaram registrados.

Todos sabem das dificuldades encontradas por todos os que se aventuram em fundar ou editar um jornal nas pequenas cidades. No entanto, em todas as épocas, idealistas se empenharam para fazer circular algum jornal em Piquete. Quando da circulação do primeiro número de "A Cidade", há 50 anos, havia em Piquete os jornais "O Labor", editado pela FPV, e "O Regente", criado por Michel Gosn. A hemeroteca da Fundação Christiano Rosa mantém exemplares destes e de diversos outros jornais que circularam pela cidade ao longo de seus quase 118 anos: "O Sentinella", "Piquete Jornal", "O Monitor", "A Ordem", "Folha de Piquete", "Folha Piquetense", "O Normalista", "O Petiz", "O Quebra-Coco", "O Escolar", "O Antônio João", "O Circulista", "Jornal Cidade Paisagem", entre outros. Rerler as páginas desses antigos jornais é resgatar capítulos da história de Piquete.

## O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

### Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

### Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

### Redação:

Rua Coronel Pederneras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

### Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos  
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

## GENTE DA CIDADE

## Sebastiana

Sebastiana Maria da Conceição Santos nasceu em Piquete a 13 de outubro de 1928. Filha de Joana Maria da Conceição e José Maria, é a mais velha dentre seis filhos.

Do local onde nasceu, numa casa à rua Comendador Custódio, próximo à atual Praça da Bandeira, assistiu ao crescimento da cidade. “Era um descampado... Não havia nada, só um cruzamento dos caminhos que iam para Minas e para a Vila da Estrela e a Fábrica.” Sebastiana lembra-se da área da Vila Duque, contando que era uma várzea e um pasto cortados por um caminho. Essa passagem lhe é muito significativa, pois por ela ia para o Grupo Escolar de Piquete acompanhada pela amiga Tetéia Benjamim. Dessa época cita o diretor Sinésio de Castro e as professoras Milita Vilar e Leonor Guimarães. Concluiu os estudos no Antônio João, pois o prédio do antigo Grupo Escolar fora desativado.

“Sempre fui uma menina muito ativa. Eu me metia em tudo...”. Quando soube que, em 1943, havia sido criada em Piquete a Escola Industrial Feminina e que algumas amigas haviam se matriculado, Sebastiana também se matriculou. Afirma que foi um dos melhores períodos de sua vida: além das inúmeras amizades que fez, ocupava-se durante o dia todo com as aulas. A Escola funcionou, inicialmente, junto com a Escola Industrial Masculina, em frente ao Contingente. Mais tarde, foi transferida para o prédio próprio, próximo ao parque zoológico – atual Escola Prof. Leopoldo Marcondes de Moura Netto. Cita as amigas Therezinha Maziero, Eunice Gonçalves, Pompéia, Odete Pereira, Iracema Silva... O diretor era o professor Augusto Ribeiro de Souza. Como modelo de professor, cita Laércio de Azevedo: “ele motivava os alunos para os estudos e para a música”. Recordar-se também das professoras dona Maria, de bordado, e dona Enemi, de corte-e-costura. Cita, ainda, o Cel. Monte, pois “ele estava sempre presente na escola”, e os desfiles cívicos: “eu adorava desfilar”.

Todos os anos, em setembro, acontecia a Semana da Raça, no Campo do Estrela, com a participação dos alunos da cidade, que competiam em várias modalidades esportivas. Sebastiana destacava-se nos esportes. Fica claro o prazer em competir quando cita as modalidades de que participava: saltos em distância e em altura, vôlei, basquete e arremesso de peso. Sua



paixão, porém, era o vôlei. Considerada uma das melhores de Piquete na sua posição, participou de diversos Jogos Abertos do Interior, em cidades como Rio Claro, Ribeirão Preto, São José dos Campos. O treinador era Almir Pantoja e os treinos aconteciam numa quadra que existia onde hoje se localiza o “Campo do Salvador” ou em frente ao Cassino; tinha como companheiras Alzirinha Alves, Áurea Pinto, Eunice Gonçalves, Manoelina Castro, Therezinha Maziero... Mesmo tendo concluído o curso em 1946, Sebastiana continuou a jogar no time, a convite do prof. Leopoldo, defendendo e divulgando o nome da Escola Industrial, pois sempre trazia medalhas.

Depois de formada, trabalhou na Alfaiataria da Fábrica, inicialmente localizada atrás do Contingente. Depois, a seção foi transferida para junto do Correio, no início da Avenida Gomes Carneiro, e, finalmente, para o prédio do DAM (Departamento de Assistência Material), ao lado da Cantina, onde se aposentou, em junho de 1977. No início, sua função era costurar sacos. “Nessa época eu ganhava por unidade; quanto mais costurasse, mais ganhava. Eu trazia, então, serviço para casa...”. Depois, já com salário, conta que “costurou muitos uniformes para os operários: calças, jaquetas e casquete em brim azul.” O mestre alfaiate era Osvaldo Dias: “ele que cortava; nós montávamos e a Celina de Barros bordava”. Alzira Palma, Sebastiana de Oliveira, Benedito Monteiro e Mauro Ventura eram outros colegas do trabalho...

Seus olhos brilharam quando recordou que a Praça da Bandeira “azulava” com os operários, após o expediente. Orgulhava-se de ter costurado muitos daqueles uniformes.

Sebastiana resume-se através do esporte: “era a minha vida”. Mulher de garra, merece a alcunha pela qual é conhecida: Sebastianona!

## Talentos...

## Antônio Rodrigues da Silva Netto

É sempre uma grata surpresa descobrir talentos nas diferentes áreas do conhecimento, principalmente quando são contrerrâneos. Assim é que, neste mês, tomamos conhecimento dos trabalhos de Antônio Rodrigues da Silva Netto (Tonhão). Residente em Lorena, mas sempre presente em Piquete, após sua aposentadoria da FVP começou, quase por acaso, a escrever divertidos contos. Apesar de não se considerar escritor, é autor de “História do Belélú”, “No mundo da Lua” e de uma estória da vida de São José. Quando iniciou o ofício de “escritor”, como se intitula, ganhou da sogra um “kit” com material de desenho. Um dia, apesar de nunca ter trabalhado com esse material, começou a rabiscar e colorir. A partir de então não parou mais. “Não sei o que aconteceu comigo”, diz ele. Após os primeiros desenhos, embalou e, por vezes, passa a noite desenhando. Vale a pena conhecer os trabalhos desse talentoso piquetense!

## Luciano Almeida

A Folha de São Paulo do dia 08 de maio trouxe reportagem sobre a oficialização do início do funcionamento do hospital-dia do ICESP (Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira). O hospital conta com 30 leitos, onde são atendidos pacientes submetidos a procedimentos de recuperação rápida, como biópsias, transfusão de sangue e pequenas cirurgias. A cerimônia foi conduzida pelo governador José Serra.

Na ocasião, como parte das comemorações do primeiro ano de funcionamento do ICESP, foi entronizado o busto do empresário e “Publisher” da FSP, morto em 2007, que dá nome à instituição. Em seu discurso, Serra brincou ter ficado aliviado ao ver o busto de Frias: “O busto se parece realmente com ele. Meu temor era que não se parecesse”, disse, elogiando o trabalho do escultor Luciano Almeida.

Luciano Almeida é amigo e colaborador da Fundação Christiano Rosa há vários anos e autor de diversos trabalhos já expostos em Piquete e na região. Lorenaense, Luciano tem-se destacado com suas esculturas e merece o elogio recebido do governador.

A FCR orgulha-se de ter acompanhado de perto o desenvolvimento de Luciano Almeida e o parabeniza pelo sucesso.

Para conhecer melhor os trabalhos do autor, acesse sua página na internet:

[www.lucianoalmeida.com](http://www.lucianoalmeida.com)

Esq./Dir.: Otilia Pereira, Neli Paulino, Joana Lopes, Sebastianona, Eni Rodrigues, Manoelina Castro e Alzirinha Alves.



## Família, Tradição e...

Ao contrário da associação "Família, Tradição e Propriedade", conservadora, de extrema direita, ferrenha combatadora do comunismo, composta por "católicos tradicionalistas", sou a favor da tolerância e da revisão constante de conceitos e padrões, os quais devem se adaptar à atualidade. Há, porém, limites.

Aguardando a chamada para o embarque, lia calmamente uma revista no aeroporto de "BH", ou melhor, tentava ler. Uma criança de uns sete ou oito anos estava me incomodando: corria sem se preocupar com os demais passageiros, saltava das poltronas, gritava. Mais incomodado do que eu parecia estar uma senhora que se sentava à minha frente, cuja mala chegou a ser vítima do "anjinho". A certa altura, a mãe, que até então não havia tomado atitude alguma para acalmar o garoto, lançou a máxima: "Fique quieto, fulano. Onde está a educação que você está recebendo na escola?". Eu fiquei surpreso... Já a senhora ficou indignada, pois, sem pestanejar, afirmou em bom tom, pra que a mãe ouvisse: "E engraçado... Na minha época, educação a gente recebia em casa!". Até eu fiquei constrangido... Vocês devem imaginar a mãe da criança...

A situação é um bom exemplo do resultado da inversão de valores por que vem passando a sociedade. Sou bem mais novo



"O caráter de um adulto é resultado de uma infância com amor, lazer, alegrias, mas também com o estabelecimento de limites."

do que a senhora citada, mas penso como ela: educação eu recebi dos meus pais, assim como os valores de família, comportamento, respeito; na escola, foram muitas as lições e exemplos, os quais me são muito úteis. Mas foram complemento. A base, o esteio, eu os recebi em casa.

A dinâmica atual da sociedade exige que nos adaptemos. Mas há premissas que independem da época ou da formação da

família, como a responsabilidade dos pais pela educação dos filhos. Gosto das idéias de Laura Peixoto Chaves, articulista deste Informativo. Ela afirma sempre que "a função da escola é ensinar". Educar envolve, certamente, o "ensinar", mas não se restringe a isso. É uma tarefa muito mais ampla. É impossível, portanto, que a educação venha somente da escola.

O caráter de um adulto é resultado de uma infância com amor, lazer, alegrias, mas também com o estabelecimento de limites. O garoto que cito no início do texto certamente recebe o amor de seus pais, diverte-se com seus amigos, tem os brinquedos que deseja. Aparentemente, porém, é privado da imposição de limites. A razão? São muitas as possibilidades. Será que seus pais estão presentes em sua vida? Ou os compromissos profissionais recebem maior prioridade? Será que o carinho que recebe vem na forma de brinquedos, roupas, escola da melhor qualidade, cursos diversos? Não nos cabe avaliar, nem é essa a idéia. Penso apenas que a sociedade e os homens podem passar por transformações as mais diversas – e isso é muito saudável. Porém, a necessidade da Educação será sempre a mesma. Família, Tradição e Educação com Limites, portanto, para todos!

*Laurentino Gonçalves Dias Jr.*

## O Diálogo Impossível

Os sucessivos contatos entre povos possibilitam que as línguas tenham itens vocabulares de procedência vária.

O significado "enfrentamento armado entre dois grupos", em português, apresenta uma série com origem no germânico ocidental "werra" e outra derivada do latim "bellum,i".

Assim, temos guerra, guerrear, guerreiro, guerrilha; e bélico, belicista, belicismo, belicoso, belicosidade, belígero, beligerância e beligerante.

Segundo os nossos primeiros republicanos, positivistas, a humanidade desenrolou sua permanência no planeta em três estágios: o fetichista, o teológico-metafísico e o positivista, reconhecendo que estes estágios chegam a conviver em determinadas circunstâncias.

Nestas condições, a República do Brasil era formada por estados sistematicamente confederados de um lado e, de outro, por estados empiricamente confederados, habitados estes por hordas fetichistas, os nossos indígenas.

"Manter relações amistosas hoje reconhecidas como um dever entre nações esclarecidas e simpáticas" era o que aconselhavam os positivistas em relação aos índios arredios.

Estariam os positivistas enganados quanto ao "esclarecimento" das nações? Teriam eles a esperança de que, em dado

momento, haveria uma ordem mundial de paz verdadeira?

A nossa República já caminhou bastante. E parece que "amor, ordem e progresso" não conseguiram produzir os frutos almejados.

Aprendemos desde cedo que o Estado Democrático de Direito abriga todos os meios necessários para resolver pacificamente todas as pendengas, dissensões e dúvidas que parem sobre a vida do país. Da mesma forma, os organismos internacionais estariam preparados para solucionar as questões entre países.

Causa-me profundo mal-estar ouvir da boca de homens que ocupam postos-chaves no governo do país elogios à desobediência civil e à força beligerante.

Se existem problemas, devem ser resolvidos por quem de direito. Se pessoas ou órgãos não cumprem seus deveres, devem ser afastadas aquelas e reformulados estes.

Se o Incra não consegue resolver o problema dos sem-terra, deve ser substituído por um órgão que tenha competência para isso.

Da mesma forma deve ser feita aos sem-terra a indispensável pergunta: o que move vocês é o desejo de um pedaço de terra para plantar ou o ódio ao latifúndio e ao agronegócio?

O maior desejo destes meus últimos anos de vida é ver o Sr. José Rainha Jr. e a D. Luciana Piovesan cuidando de um canteiro

de alho, como vi minha avó Adelaide fazer no quintal de sua casa na cidade; ou de uma roça de milho e feijão como vi meu avô Antônio Claro fazer em terra arrendada.

A força beligerante é uma excrecência no Estado Democrático de Direito.

Nos numerosos exemplos a que assistimos na América do Sul, havia um grupo de insatisfeitos armados querendo obrigar infelizes camponeses, que mal tinham o que comer, a abandonar suas roças de subsistência para apoiar sonhos absurdos de poder.

O cinema colocou diante dos nossos olhos um exemplo didático destas forças beligerantes ou movimentos revolucionários.

Uma fraude nas eleições de 1910, que poderia ter sido resolvida com recontagem de votos ou novas eleições, levou o México a um estado de exceção e de excessos que culminou no assassinato dos líderes revolucionários mais instigantes das Américas: Emiliano Zapata (1919) e Pancho Villa (1923).

O diálogo à sombra da Lei é a única estrada desejável para a vida do homem no planeta.

Os todo-poderosos, os donos da verdade, os que não sabem ouvir não merecem a democracia.

Porque no Estado Democrático de Direito todo diálogo é possível.

*Abigayl Lea da Silva*

## O “Jongo de Piquete” no 13 de Maio

No último 13 de maio, data em que se comemora a abolição da escravidão no Brasil, ao rever o programa "A Cidade faz o show", da TV Cultura de São Paulo, gravado em 1989, chamou-nos a atenção a presença forte e determinada de Therezinha Generoso. Afamada jongueira, mesmo doente na ocasião da gravação, não se esquivou de participar e formou, com pequeno número de pessoas da comunidade negra, uma roda de jongo na Praça Duque de Caxias. Cantou e dançou, historiando, em seguida, a presença do jongo em Piquete. Pouco tempo depois, faleceria, deixando-nos exemplos de determinação, força e garra de mulher negra e pobre, modelo de cidadã ativa na comunidade piquetense.

Após sua morte, o jongo estava fadado ao fim em Piquete, mas não foi o que aconteceu. Os pontos e batuques, calados no interior de muitos, estavam apenas adormecidos. Foram acordados pelo professor Gilberto Augusto, filho e neto



Foto Márcio de Sá

Grupo de Jongo de Piquete

de jongueiros: no final da década de 90, procurado para uma série de gravações realizadas pelos pesquisadores Paulo Dias e Marcelo Manzatti, da Associação Cultural Cachuera, de São Paulo, conseguiu reunir um grupo de jongueiros para uma apresentação na quadra do Elefante Branco. Nessa ocasião, fizeram-se presentes, entre outros, Cafuringa, Piúla, Tia Ignês, mestres jongueiros moradores de

Piquete. Ainda mais animado após esse encontro, o professor Gil procurou outros descendentes de jongueiros como ele. Passaram, então, a se reunir e não pararam mais.

O jongo de Piquete é formado, em sua maioria, por moradores da Vila Eleotério, bairro vizinho da Raia, onde, tradicionalmente, residem famílias negras. O que chama a atenção para este grupo é o grande número de crianças que estão aprendendo pontos e passos de dança preservados pelos mais velhos, ao som do tambu e do candongueiro. Atualmente, são chamados, com frequência, para apresentações fora do município. A animação e a seriedade do grupo contagiam a todos que o assistem.

O Jongo em Piquete é uma tradição de origem africana. Vem resistindo e consolidando-se como patrimônio cultural, para orgulho dos piquetenses.

## Plantio de Mata Ciliar do Ribeirão Limeira

Dentro do projeto “Revegetação das matas ciliares na microbacia do ribeirão Limeira”, elaborado e executado pela Fundação Christiano Rosa, foi concluído, recentemente, o plantio em toda a extensão desse ribeirão em terras da Fazenda Amarela. Esta é mais uma das etapas deste projeto que prevê a formação de um corredor de conectividade entre as nascentes do Limeira, na mata da IMBEL/FPV, em Piquete, e sua foz, no Paraíba do Sul.

Segundo o governo de São Paulo, é necessária a recuperação de 1 (um) milhão de hectares de matas ciliares no estado, o que corresponde a 120mil km de cursos d'água desprotegidos. Uma das grandes dificuldades apontadas por técnicos do governo na execução de projetos com esse objetivo é a não adesão de proprietários de terras cortadas pelo curso d'água a ser favorecido. Esse problema não foi sentido pela Fundação Christiano Rosa quando contactou os donos de terras cortadas pelo Limeira, expondo seu projeto. Pelo contrário: foi feito um trabalho de conscientização e todos aderiram de imediato reconhecendo a importância da



Fazenda Amarela

recuperação das margens deste ribeirão.

Conhecida como mata de galeria, mata de várzea, vegetação ou floresta ripária, a mata ciliar é a formação vegetal existente nas margens de córregos, lagos, represas e nascentes. São essenciais ao equilíbrio ambiental e igualmente importante para o desenvolvimento rural sustentável. A preservação da vegetação nativa associada à prática de conservação e ao manejo adequado do solo garante a proteção do mais precioso recurso natural – a água. As matas ciliares formam importantes

corredores para o movimento da fauna e a dispersão vegetal; daí serem consideradas pelo Código Florestal Federal como “áreas de preservação permanente”, com diversas funções ambientais, e que devem respeitar uma extensão específica, de acordo com a largura do curso d'água. Assim, o projeto da Fundação, de acordo com a metodologia proposta e com a legislação atual, cercou trinta metros de margem, onde foram plantadas espécies nativas da Mata Atlântica além de recuperar algumas nascentes.

A Fazenda Amarela, pertencente a Mauro Nunes, tem grande valor histórico para a região: no início do século XX, quando da visita do Marechal Mallet a Piquete e São Francisco dos Campos, sua proprietária, Angelina Moreira Vicente de Azevedo, mãe do Barão da Bocaina, cedeu graciosamente suas dependências para que lá fosse instalado o 12º Batalhão de Infantaria, responsável para a construção do Ramal Férreo Lorena-Bemfica.

\*\*\*\*\*



Foto arquivo Pro-Memória

## Crônicas Pitorescas

## Pesquisas...

Por acaso vocês conhecem os ortópteros da família das Blátidas, marchadoras, e cuja espécie mais comum é a Periplaneta americana? Se confessarem não saber de quem se trata, será normalíssimo... Mas, se disserem que nunca foram apresentados a pelo menos um dos elementos dessa espécie, vai crescer o nariz! E estou falando sério! Para refrescar a memória, podemos dar algumas dicas: antes do aparecimento do homem na face da Terra a espécie já habitava este planetinha, que, a partir daí, virou sem-vergonha, há mais de 350 milhões de anos; tirou de letra o aparecimento dos grandes animais pré-históricos, os cataclismas, a era glacial etc. E agora ainda está conosco, exatamente como apareceu. Mataram de quem se trata? Aí, turma viva! Justamente! As baratas!

Pois essas inimigas figadais das mulheres – e de muitos marmanjos também – não vão ter mais moleza, não. Elas – as baratas. Porque os baratos ficarão no maior barato! Inteiramente livres de encargos paternos! Vamos esbagaçar a boca da notícia, que, creio, vai agradar todo mundo do mundo inteiro.

Já ouviram falar de um cientista chamado Carl Djerassi? Não se lembram? Ficou conhecido há mais de quarenta anos, quando sintetizou um hormônio fundamental para que se desenvolvesse a pílula anticoncepcional para as mulheres. O que tem as mulheres a ver com as baratas? Quem fez essa pergunta idiota? Nadinha... a não ser a ojeriza delas por elas. A colocação foi para lembrar o cientista. Este doutor não parou, gente!

Por muitos anos ele pesquisou o controle de natalidade para insetos, na Universidade de Stanford, na Califórnia, EUA. Se a pesquisa foi encomendada por algum inseto-presidente de qualquer insetolândia, não consta da notícia...

Deve dar um trabalho danado para o cientista ficar de botuca nos romances insetais e depois apanhar a insetinha ainda enlevada e examinar o seu... o seu... Socorro, biólogos! Como se chama o órgão

reprodutor de uma inseta? Bem... Examina lá. Estuda, estuda... Pensando bem, ou esse doutor ganha uma carrada de dólares ou não tem mais o que fazer!

Mas consegui. Consegui sintetizar um produto para esterilizar as baratas. Isso mesmo: um hormônio que, colocado em contato com a barata, impede que ela reproduza o hormônio natural quando ficar adulta. Colocado nos ovos, tem o mesmo efeito quando, após 150 dias de vida, quiser ter seus encontros amorosos.

Achei legal pra burro esse hormônio. Preocupa-me uma coisa apenas: acho que a intenção de distribuir pílulas pros baratos darem às suas baratas pode não ser bem compreendida e eles considerarem que estamos ingerindo em seus assuntos particulares. Admitindo que concordem, é preciso saber se as baratonas vão engolir assim sem mais nem menos. Podem querer fazer uma campanha para que os baratos processem uma operação de vasectomia. Tudo é possível, oras bolas!

Uma outra solução é colocar o hormônio nas baratinhas-moças, as quais, se quiserem se perder, não vão gerar nada... Vai imperar o sexo livre no reino barata! Todas as questões estão resolvidas. O entrave vai ficar por nossa conta: como descobrir as maiores de 150 dias? Consultando algum cartório de registro de nascimento de baratinhas? Mesmo que exista, onde estará instalado, já que a raça existe em todos os cantinhos possíveis deste orbe? Ah... Pôr o tal hormônio nos ovos também resolve... Ótimo... Por acaso existe algum guia ensinando como descobrir ninho de barata? O negócio é ficarmos no aguardo de que o homem-doutor – aquele – nos indique como dirimir essas dúvidas.

Mas que esse pesquisador – o cientista Dr. Carl – é contra a concepção, lá isso é! Negócio dele é fêmea mandar brasa à vontade, mas sem reproduzir. Nada do cresci e multipliquei-vos; só cresci, e bola pra frente! Talvez também possamos deduzir que ele considere ter gente demais no mundo. E barata!

Palmyro Masiero

## Um domingo diferente

Edival da Silva Castro

Domingo desses, levantei-me cedo. Saí da rotina porque a manhã estava linda, com sol aberto. Então resolvi perambular pelas ruas da cidade. Quando regressava, um amigo me parou:

– Olá, Edival. Bom dia! Agora às 9h vamos ter futebol "society" lá no Golmania. Se quiser bater uma bolinha, é só chegar lá.

– OK, companheiro. Devo ir sim... O domingo está propício para uma pelada.

E fui...

O jogo estava no 2º tempo. Mirava um chutão para o gol quando fui solado. Houve um estalido seguido de dor horrível. Ao tirar o tênis e a meia do pé direito, o dedão estava inchado, roxo. Acabei abandonando o jogo e sendo levado para o pronto-socorro.

Após ser examinado, o médico chamou a enfermeira, mandou-a aplicar-me uma injeção intramuscular anti-inflamatória e que me conduzisse à sala de raios X. Quando cheguei à sala, meu braço direito, onde fora aplicada a injeção, estava todo roxo. O médico teve de me ver novamente, receitou uma pomada analgésica e disse-me que era apenas "acidente de percurso", sem maiores consequências...

Passava do meio-dia quando meu estômago roncou. Lembrei-me de que em casa o menu era domingueiro: macarronada, maionese e frango assado com farofa...

Saí da sala de raios X e fui parar na de gesso. Com o pé direito engessado até a canela e pesando uns cinquenta quilos, fiquei deslocado. É isso aí, meu chapa, resmunguei baixinho.

Tomei apenas um chazinho e comi algumas "deliciosas" bolachas de sal. Passava das 14h quando a agente social do pronto-socorro ligou para casa a fim de chamar alguém que pudesse dirigir meu carro, pois eu só dali a uns trinta dias...

Para apoquentar-me de vez, meu Santos perdeu para o São Paulo por dois a zero.

Eta dominguinho diferente...

## Louvação

Onde estão os caetês da beira d'água?  
Do encanto conjugado a limitar águas,  
As folhas do verde vibrante,  
As flores dos pendões exaltados  
Dos bastões de São José, na lembrança  
Da herança do noivado  
Abençoado,  
Anunciado na promessa  
Do noivo da Virgem privilegiada.  
Salve, pura e bela entre as mulheres,  
Mãe de Deus, doce herdeira  
Da escolha benfazeja,  
Doce herdeira  
Das flores que se abrem  
Sem a necessidade das explicações.  
Bastando crer, o que se espera  
Da aceitação total.  
Bendita entre as mulheres,  
Única, entre pares,  
Seja louvada,  
Amém!

Dóli de Castro Ferreira

Você sabe que local é este?



Se não sabe, terá a chance de encontrar estas e muitas outras imagens desconhecidas...

## Exposição Fotográfica

## "Coisas Findas"

Abertura: 13/06/2009  
a partir das 19h

de 14/06 a 21/06/2009  
das 17h às 22h

Espaço Cultural  
"Célia Ap. Rosa"

Piquete/SP

## As Estórias Centenárias

Wanderley Gomes Sardinha é um notável memorialista. Autor de *Estórias Centenárias*, acompanhado de outros autores, tem nessa obra presença marcante pelos relatos cheios de vida e de referências à centenária Fábrica Presidente Vargas. O título dado à presente obra é sequência de outros quatro livros que a precederam, todos de memórias sobre pessoas e acontecimentos piquetenses.

Wanderley conserva em si um precioso cofre recheado de lembranças, que vai desfiando como contas-de-colar, cujos fios são bem tramados. Feitos para durar e celebrar, declarar e dar garantia de boa origem. Guardar e conservar.

As crônicas históricas dão-nos conta dos eventos de destaque na construção do estabelecimento fabril que referência Piquete há cem anos e a individualiza como cidade valeparaibana do setor paulista. Assim, por exemplo, são comentadas as construções do Tenente Fonseca, "as represinhas", assim como a inauguração da principal represa junto ao ribeirão Sertão, revestida de honras militares e da presença do Ministro da Guerra do governo de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906). O Ministro, marechal Argollo (Francisco de Paula Argollo) chegava a Piquete especialmente para sua inauguração, a 15 de setembro de 1906.

Interessantíssima a descrição do evento no local da solenidade: a presença das árvores centenárias, dos milhares de pássaros, das capivaras, dos patos selvagens e dos peixes – um paraíso começando a ser tocado e transformado.

Reunidas, as autoridades formalizaram o ato, e as presenças ilustres mostraram a importância do acontecimento, ato demarcatório da inauguração da Fábrica, realizada posteriormente (1909). Discursos celebrativos enfatizaram a importância da obra da engenharia militar, enquanto os edifícios principais da indústria bélica se implantavam. E, no caso particular, a Usina

Hidroelétrica Rodrigues Alves, a Estação Ferroviária do mesmo nome e o Ramal Férreo. Wanderley, captando o espírito da



Wanderley Sardinha e Dóli de Castro Ferreira no lançamento do livro "Estórias Centenárias"

época, descreve, com referência vital, o acontecimento da inauguração da represa e nos transporta, no tempo, para a piscina da Linha de Tiro, onde outra descrição rica de detalhes rememora a conjugação feliz dos humanos e seu quadro natural de meio ambiente.

Ler as *Estórias Centenárias* é um exercício de prazer acumulado com sabedoria.

O sabor da memória ligada à história faz desse livro uma companhia gostosa de que não se quer desligar quando se chega à última página. Volta-se à leitura. Não se quer deixar o livro.

O relato da Revolução de 1932 e a Fábrica tem característica documental de preservação a ser mantida e recorrida em seus pontos principais. Até porque os cronistas da Revolução apenas reduzem, "en passant", os eventos aqui dados, sem se prender essencialmente à influência estratégica do estabelecimento. Isso dado graças à cortina de silêncio a que foi submetido, sendo destinado à atividade de indústria bélica. As razões são óbvias. Chegou-se até a iniciar providências para transferi-lo para a cidade de Mauá – mais central no estado paulista.

E que, segundo o relato de Wanderley, a idéia não se concretizou pela "complexidade da operação".

A força documental da descrição do autor é um dos principais destaques da obra. Remete-nos à guerra paulistana pelo constitucionalismo que, no fim, se implantou sob o modelo varguista enraizado na história subsequente do país. A referência dada para o evento de 32 em Piquete é uma importante contribuição para mostrar o quanto foi crucial esse marco memorialístico para nosso celebrado autor.

Outras "estórias" (segundo a denominação dada) se seguem, não menos ricas de valor documental do cotidiano, para mostrar como a implementação da Fábrica em Piquete teve, para nossa cidade, significação fundamental e marcante.

Enfim, os acontecimentos relatados são fontes para levantarmos a trama dos fios que se cruzam e se amarram para dar fibra e consistência ao tecido histórico.

As outras crônicas que se acompanham da maioria apresentada por Wanderley Gomes Sardinha enriquecem o colorido, a vivacidade e a emocionalidade de que se reveste o conjunto.

Ler essas obras é exercício de cidadania, além de fonte de prazer para registrar, guardar e reforçar os laços de solidariedade e homenagem. Aguardemos, fortalecidos, a próxima seleção memorial.

Finalmente, elemento importante a ser considerado é o de que o autor, conhecedor da história militar, coronel que é, quando não escreve de sua própria memória, serve-se dos registros dados por seus protagonistas e seus familiares, todos nominados como fontes, já que ele não poderia ter presenciado muitas das referências dadas. Fornecer as fontes é um dos pontos positivos dessa obra, como, aliás, é da técnica usada pelo memorialista em questão. Pelo que, fica registrado o nosso apreço.

*Dóli de Castro Ferreira*

## É tempo de Marins

Com a aproximação do inverno, chegam também para os piquetenses que moramos fora as cobranças para se subir os Marins. São os amigos que já percorreram os quase 4km para atingir seu cume ou que o desejam fazer.

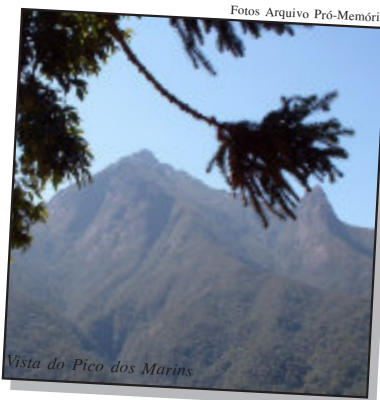
Sempre lhes digo que a caminhada começa com uma indagação a nós mesmos: "O que eu vim fazer aqui? Podia estar em casa, quentinho, descansando...". Mas complemento com a afirmação do prazer que é chegar ao topo de seus 2.422m e sussurar "Eu consegui!". O cansaço, o vento forte e frio a nos congelar, a fome, a sede... Tudo é esquecido quando paramos para contemplar parte do Vale do Paraíba e o Itaguaré. Começam aí a corrida para identificar cidades, as fotos para relembrar e mostrar aos amigos. Tudo vale a pena!

Nós piquetenses temos uma relação de

paixão com os Marins. São muitos os que estiveram lá em cima. As histórias e estórias são muitas. Os Marins são nossa Montanha Mágica, nossa Terabítia... Há mitos, como Carlos Vieira, com dezenas de subidas conduzindo grupos quando já contava mais de 70 anos. Temos o sumiço do escoteiro Marco Aurélio, relatado em livro pelo piquetense Rodrigo Nunes... Hoje, temos guias como João Corrêa, Joãozinho Ribeiro, Rony, Lucas...

Programemos, portanto, subidas aos Marins! Aproveitemos a natureza! Estejamos conscientes, porém, de que são necessários guias capacitados, um "kit" mínimo com lanche adequado e a conscientização sobre a necessidade de cuidados com o meio ambiente. Lembrem-se sempre da máxima: "Da natureza leve somente fotos e recordações e deixe, no máximo, pegadas".

Lá do topo, aproveitemos para tirar lições para nossas vidas. Enfrentar e vencer desafios é essencial para nosso crescimento; e subir os Marins é sinônimo de conquista.



Vista do Pico dos Marins

Fotos: Arquivo Pró-Memória

## O “Saber de Experiência Feito”

Pe. Fabrício Beckmann

Dias atrás, num círculo bíblico, uma reunião em que as pessoas, juntas, lêem a Bíblia, a partir de suas vidas, estávamos conversando sobre as Bodas de Caná, em que o evangelista João, no capítulo 2 de seu evangelho, compara a religião judaica da época a uma festa sem vinho, em contraposição à fé cristã das comunidades dos que criam em Jesus. A mensagem deste texto é basicamente esta: quando, como indica Maria, mãe de Jesus, se faz tudo o que Jesus diz, dando-lhe crédito, então há vida, festa, alegria, bodas e aliança entre o noivo, Deus, e a noiva, o seu povo. A celebração da vida, que não acontecia nas comunidades judaicas da época devido ao legalismo em que se baseavam, era experimentada nas novas comunidades que iam surgindo, formadas por crentes em Jesus, os quais tinham como lei não o ritualismo judaico, mas a prática do amor, da misericórdia, da bondade, da justiça, da partilha e muitas outras virtudes que causavam impacto efetivo na vida de seus adeptos.

Enquanto conversávamos sobre isto, um membro do grupo, homem simples, do meio rural, interveio: “Pessoal, na semana passada eu fui pra cidade com um amigo; ele é muito religioso. Quando passamos perto da igreja, fez o sinal da Cruz. Depois, no caminho, em cada santa cruz que a gente passava ele fazia o sinal da cruz. Quando chegamos à cidade, ele me perguntou se eu não tinha fé, pois eu não tinha feito o sinal da cruz nem uma vez. No dia eu me senti culpado, mas agora eu vejo que quem não tem fé é ele. Ele tem é tradição religiosa, como os judeus daquele tempo, porque no caminho encontramos pessoas pedindo carona e ele se negou a ajudar, e o tempo todo falou mal dos outros. Agora entendo que fazer parte da comunidade de Jesus é mais que observar tradições religiosas, é viver de maneira nova, como viviam os cristãos das comunidades do evangelista João. A tradição religiosa não muda a vida pra melhor; ela continua sendo uma festa sem vinho. Mas seguir o que Jesus ensinou, isto sim, muda as coisas”.

Quanto mais leio a Bíblia no meio popular, mais percebo que este é seu habitat natural. Os textos que a compõem nasceram no meio do povo, não em academias. Ninguém melhor compreende e ensina a Bíblia que o povo. Cada dia mais, tenho feito dos homens e mulheres de fé de minha comunidade meus mestres e mestras, com os quais aprendo lições valiosíssimas que jamais encontrei entre os que são considerados ilustrados.

Um dia, Jesus orou a Deus dizendo: “Ó Pai, Senhor do céu e da terra, eu te agradeço porque tens mostrado às pessoas sem instrução aquilo que escondes dos sábios e instruídos! Sim, ó Pai, tu tiveste prazer em fazer isso (Mt 11,25).” Como Jesus, também eu agradeço a Deus porque encontro em homens e mulheres simples e sem instrução um grande “Saber de Experiência Feito”, que não nasce dos livros, mas da vida, e é mais adequado que qualquer outro saber para nos realizar no viver. Feliz quem frequenta as mestras e os mestres formados pela vida e com eles se enriquece!

## Recital de piano de Letícia Tsuda

O Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” recebeu inúmeros convidados na noite de 02 de maio para o Recital de Piano de Letícia Tsuda, 12 anos, com participação de Lucas Araújo Mendes ao violoncelo.

Letícia Tsuda atualmente é aluna de Adriana Araújo Mendes, doutoranda em Música pela UNICAMP e professora daquela renomada Instituição. Lucas é filho de Adriana e neto do Cel. Alfredo Araújo e de Anacyr Araújo, colaboradores da Fundação Christiano Rosa. O evento foi um sucesso. Muitos se emocionaram com os jovens músicos, que tocaram peças de Bach, Cramer, Chopin, Beethoven, Lully, Debussy e Villa Lobos.

O evento, que faz parte das atividades promovidas ao longo de 2009, pela FCR, para comemorar o Centenário da Fábrica Presidente Vargas, foi aberto por Ana Maria Gouvêa, Presidente do Conselho Curador

da FCR. Ana Maria apresentou os músicos e passou a palavra à professora Adriana



Araújo, que deu uma aula sobre Música, historiando as peças apresentadas e a vida dos compositores do programa elaborado para o recital. Ao final, Adriana, Letícia e Lucas receberam das mãos de Paulo Noia de Miranda, Antônio Carlos Monteiro

Chaves e Francisco Máximo Ferreira Netto flores e lembranças em agradecimento à apresentação. Francisco Máximo ofereceu aos jovens artistas exemplares autografados do livro “Crônicas de Cidadezinha”, de sua autoria.

**Letícia Tsuda**

Filha, neta e bisneta de músicos, Letícia Tsuda nasceu em Campinas. Começou a estudar piano aos 6 anos de idade com a profª Marli Rossin. Em sua formação musical, participou de diversos corais, incluindo-se aí o coro do balé “O Quebra-Nozes”, de Campinas, em 2004 e 2005. Como pianista, sempre acompanhou grupos infantis e vem se apresentando com regularidade em diversos espaços de Campinas e São Paulo. Participou de masterclasses com o prof. Eduardo Garcia, na Unicamp, em 2005, e, em 2007, foi a primeira colocada no Concurso Art Livre de São Paulo, categoria Estímulo.

Fotos arquivo Pro-Memória

